

O professor de matemática e a Educação Antirracista: diálogo com futuros professores formados pelo IFSP - Guarulhos

Raquel Carapello, PUC- SP, raquelcarapello@gmail.com

EIXO TEMÁTICO - Relato de Prática em Educação Antirracista

Em maio de 2025 fui convidada para participar do Grupo de Discussão "Educação Antirracista" na **XIV Semana da Matemática e Educação Matemática no IFSP Guarulhos**. Em uma instituição que oferece cursos de graduação voltados para a área de exatas (Licenciatura em Matemática; Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas; Tecnologia em Automação Industrial; Bacharelado em Engenharia de Computação; Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação), a abertura para o diálogo sobre as relações étnico-raciais é uma iniciativa importante.

Diante dessa oportunidade, iniciei o diálogo com a pergunta: **qual o papel do professor de matemática em uma Educação Antirracista?** Diante das respostas constatei que o foco do grupo não estava nas ações pedagógicas, mas no comportamento dos futuros alunos. Falas como: mediar situações de racismo, não se calar diante de alguma violência, ensinar respeito e empatia foram predominantes. Porém ao questionar quais ações pedagógicas seriam realizadas para alcançar esses objetivos percebi que eles não faziam ideia.

O diálogo durou 90 minutos e preparei uma apresentação com algumas ações necessárias em uma Educação que se pretende antirracista. São elas: decolonizar o currículo, refletir sobre posturas olhares e discursos, analisar materiais didáticos e observar as relações raciais nos espaços escolares. Para explicitar o conceito de decolonialidade, recorri à professora e pesquisadora Catherine Walsh (2009). A autora destaca que decolonialidade não se refere à negação do colonial e suas marcas, ou à transição de um momento colonial para um não colonial, como se fosse possível negar a sua existência. Trata-se de evidenciar essas marcas e rebelar-se, resistir e romper com a colonialidade.

Perguntei então por que decolonizar o currículo. Nesse momento as respostas foram mais assertivas, muitos destacaram o perigo de uma história única, escrita

apenas pela perspectiva do colonizador, todos reconheceram que em sua formação escolar o conteúdo privilegiava apenas a versão eurocêntrica dos fatos.

Partindo dessa reflexão do grupo, apresentei a visão do educador Paulo Freire, que em muitos pontos vai ao encontro de Walsh ao afirmar que os opressores desenvolvem uma série de mecanismos para provocar nas massas conquistadas e oprimidas admiração à um falso mundo. “Um mundo de engodos que, alienando-as mais ainda, as mantenha passivas em face dele” (Freire, 1979, p. 163).

Direcionei à conversa para a matemática a partir de uma reflexão proposta por Giraldo e Fernandes no texto “*Caravelas à vista: giros decoloniais e caminhos de resistência na formação de professoras e professores que ensinam matemática: “somos os que reforçam a matemática como meta central da modernidade euro-eua-cêntrica...?”* ou ao contrário, “somos os que transgridem, os que subvertem as peças que constituem o projeto colonial...?” (Giraldo e Fernandes, 2019, p. 497).

Neste ponto abordamos a Etnomatemática e a decolonialidade, com a coincidência de que um dos laboratórios do campus recebeu o nome Ubiratan D’ Ambrosio em homenagem ao matemático e educador precursor do conceito no Brasil. O objetivo não era explicar o conceito, já que eles sabiam muito mais sobre isso do que eu, mas refletir sobre a importância da etnomatemática na desconstrução do padrão eurocêntrico de saber, dando visibilidade às diferentes formas de produzir conhecimento matemático.

Com o foco na ação docente, propus a análise de duas situações verificadas pela pesquisadora Eliane Cavallero e publicadas no livro, *do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. De acordo com a autora, no que se refere aos elogios, foi possível observar dois grupos distintos. Dividi os participantes em dois grupos e entreguei a cada um uma filipeta em que estavam descritas as observações de Cavallero:

Primeiro grupo:

A professora, ao corrigir a lição de uma criança branca, diz: “você é maravilhosa. Parabéns!”. A menina estampa um largo sorriso.

Ao avaliar a lição de uma aluna branca, a professora diz: “você é muito inteligente!” A criança volta para a mesa sorrindo.

A professora ao dar uma volta pelas mesas, para junto à carteira de um aluno branco e diz: “Está bonito, menino sabido!” A criança sorri.

Segundo grupo:

A professora, ao conferir a lição de um menino negro, diz-lhe: “está bonita a sua lição!”. A criança sorri.

A menina Deise (negra) leva a sua atividade para ser avaliada pela professora, que lhe diz: “Isso. Está certo!” A menina volta para sua cadeira. Depois de cinco minutos, a menina se dirige novamente até a professora para mostrar-lhe a sua lição. A professora diz: “Está bonita!”.

A professora andando pela sala, diz a um menino negro: “deixa-me ver a sua lição!”. Ele mostra o caderno e a professora lhe diz: “está bonita!”. O menino continua a lição (Cavalleiro, 2023. p.75).

Após a leitura das filipetas, os participantes compartilharam suas reflexões e concluíram que, no primeiro grupo, de crianças brancas, o elogio era destinado à criança, já no segundo grupo, de crianças negras, o elogio era à tarefa. Discutimos currículo oculto e como os olhares, discursos e atitudes docentes podem impactar a construção das identidades e autoestima dos educandos. Por fim, apresentei as imagens abaixo encontradas no livro: *Teláris Matemática* de Luiz Roberto Dante, analisado no PNLD em 2020.



Fonte: Dante, 2018, p. 106



Fonte: Dante, 2018, p. 160



Fonte: Dante, 2018, p. 217



Fonte: Dante, 2018, p. 202

Questionei a impressão causada por elas. O grupo destacou que, nas imagens de atletismo a maioria dos esportistas é negro, enquanto nas imagens que retratam competições de tênis e canoagem, os esportistas são brancos. Discutimos sobre como essas imagens reforçam a ideia de que existem esportes adequados para pessoas brancas e outros para pessoas negras e concluímos que o professor deve estar atento ao escolher e utilizar esses materiais, a fim de problematizar e refletir

com os alunos sobre como essas representações podem reforçar ideias racistas e limitar possibilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar o conceito de decolonialidade e sua relação com o currículo e a ação docente foi produtivo, percebi que para alguns presentes, essa é uma discussão completamente nova, infelizmente. Refletir sobre como o planejamento e intencionalidade docentes são determinantes no reforço ou combate ao racismo é algo fundamental para a formação docente nas diversas áreas do conhecimento e o diálogo e reflexão entre os pares contribui para que os futuros professores reconheçam essa responsabilidade.

Entre reflexões sobre a escolarização de cada um, muitas situações foram compartilhadas, opiniões e dúvidas também foram expostas o que potencializou as aprendizagens. Em uma outra oportunidade, aprofundaria as discussões com mais “estudos de caso” propondo outras análises de situação. Confrontar-se com a realidade, com o racismo presente nos ambientes escolares é determinante na mudança de atitude.

REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2023.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática – elo entre as tradições e a modernidade**. 6.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GIRALDO, V.; FERNANDES, F.S. Caravelas à vista: giros decoloniais e caminhos de resistência na formação de professoras e professores que ensinam matemática. **Perspectivas da Educação Matemática**. Mato Grosso do Sul, vol 12, n.30, p. 467-501, 2019.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar/Abya Yala, 2009.